

# Entre sujeito, sentido e história: artimanhas entre uma análise do discurso e uma psicanálise

Clarice Pimentel Paulon<sup>1</sup>

## *Quem tem medo da alteridade epistêmica?*

Ao longo do percurso de fundação e sustentação de uma área do saber, ela passa por diversos processos que, nós, estudiosos dessas áreas, ao olharmos em perspectiva e à posteriori, muitas vezes denominamos de etapas ou fases. Utilizemos dois exemplos que serão fundantes para o desenvolvimento do nosso texto: a

---

<sup>1</sup> Psicanalista, especialista em gestão em saúde pública pela Unicamp, mestre e doutora pela USP, professora credenciada no Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da UNESP-Araraquara e professora e supervisora da residência de psiquiatria em rede da prefeitura de São Paulo (8ª Coreme). Áreas de atuação e interesse: psicanálise e suas interfaces com as ciências da linguagem, a política e a saúde coletiva. Email: claricepp@gmail.com

análise do discurso – de “extração” francesa e a psicanálise nomeada freudo-lacaniana.

A análise do discurso de extração francesa, fundada por Michel Pêcheux, é apresentada pelo próprio fundador como tendo três épocas diferentes (GADET; HANK, 1990): a da análise automática do discurso, momento no qual Pêcheux tinha interesse em apresentar uma matriz discursiva que pudesse ser formulada para a replicação dos discursos, a partir da noção de máquina discursiva, a segunda fase, que apresenta a noção de formações discursivas e o modo como elas se articulariam e expressariam diferentes discursos e a terceira fase, cujo marcador é a noção de interdiscurso: processos de produção de sentido que se formariam na relação entre diferentes discursos a partir de uma zona de interditos, que constituem os processos de enunciação. Estas fases são compreendidas pelo próprio autor como provisórias (MALDIDIER, 2003) e expressam determinado momento histórico do estruturalismo francês, apresentado na política e nos desenvolvimentos das ciências da linguagem da época. A proposta pêcheutiana desse percurso é assim apresentada por Maldidier (2003):

*O raciocínio repousa sobre a intuição muito forte de que não se podem visar as sistematicidades da língua como um contínuo de níveis. Para além dos níveis fonológico, morfológico e sintático, cuja descrição Saussure autoriza, a semântica não é apenas um nível homólogo aos outros. É que o laço que liga as “significações” de um texto às condições sócio-históricas desse texto não é de forma alguma secundária, mas constitutivo das próprias significações. (p. 31)*

A proposta se formaliza, portanto, na perseguição dos rastros históricos e políticos da constituição do sentido e, portanto, também do sujeito, dado que esse, pela análise do discurso, é compreendido como o seu “duplo” ou a sua outra face. Estas fases não são estáticas e nem encerradas em si mesmas, articulando-se e constituindo formas de análise através do que foi desenvolvido, também, nas passagens entre essas etapas.

Vamos agora à psicanálise. Em Freud há, pelo menos, duas etapas claras: àquela vinculada à 1ª tópica: consciente, inconsciente e pré-consciente (inclusive, tópica a qual Pêcheux mais se refere) e a vinculada a 2ª tópica (Id, Ego e Superego). Há, ainda, outras marcações não temporais, mas temáticas: os textos antropológicos e os metapsicológicos de Freud. Ambas as separações são didáticas e elucidam formas de apreensão pedagógica da teoria, que, no entanto, retiram a complexidade da obra. Por exemplo: Freud não excluiu a 1ª tópica para pensar a 2ª e sim complexificou essa primeira a partir da estruturação de um aparelho psíquico que apresenta, dinamicamente, processos conscientes e inconscientes. Os textos metapsicológicos, se lidos sem a materialidade política tornam-se etéreos e os textos antropológicos, se lidos sem a perspectiva histórica dos desenvolvimentos metapsicológicos tornam-se datados. Às relações entre as etapas se faz, portanto, fundamental, para compreendermos a teoria em sua complexidade e conseguirmos nos apropriar dela para solucionar problemáticas de nossa época.

O mesmo se passa com Lacan: lido retroativamente a partir de seus três registros: o real, o simbólico e o imaginário, muito se produziu em termos de hierarquização de tais registros: o jovem Lacan como o Lacan do imaginário, ainda muito demarcado pela fenomenologia, o Lacan do simbólico e sua relação com os mecanismos da linguagem, o Lacan do real e a teoria dos nós, a clínica do gozo e do impossível. Há também a leitura psiquiátrica

e psicanalítica de Lacan, o Lacan da linguística e o da lingüestria e aquele dos discursos. Fragmentamos nossas leituras teóricas para simplificar sua apreensão didática porém, muitas vezes, nesse processo, formamos trincheiras que impedem-nos de um adensamento em nossa relação com esse saber: há “o meu Lacan e o seu Lacan” e esta postura dificulta a nossa apropriação da teoria em termos de práxis: elas passam a ter pouca porosidade no que tange a sua materialidade e se apresentam como metafísicas auto-explicativas e auto-referenciadas, tendo seu autor como máximo índice de autoridade: tornam-se clausuras de sentido, sendo que seu próprio desenvolvimento dependeu de não permanecerem idênticas a si mesmas.

Para que estas teorias passassem por mudanças que organizassem e desenvolvessem os seus conceitos, elas tocaram e se banharam em outras áreas: Freud se aproximou da filosofia e literatura de sua época assim como do darwinismo; iniciou sua escuta a partir de uma perspectiva médica que alçou novos horizontes: criou outra área a partir dessas alteridades em jogo nos seus olhos e ouvidos. Lacan sustentou-se na linguística, no estruturalismo, na lógica, literatura e filosofia para repensar e recalcular rotas freudianas em uma perspectiva contemporânea ao seu saber e Pêcheux, formulou, dentro de seu próprio quadro epistemológico, diretrizes sobre como navegar nessas águas turvas que formalizam a sua análise do discurso:

*O materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida como a teoria das ideologias; a linguística como teoria, ao mesmo tempo, dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; a teoria dos discursos como teoria da*

*determinação dos processos semânticos; intervém uma quarta referência de “uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)”.* (MALDIDIER, 2003, p. 38)

Deste modo, observamos que as práticas alteritárias tornam-se fundantes para a construção de uma teoria e que tais práticas aparecem tanto em termos processuais, de seu desenvolvimento entendido “em etapas”, que fazem com que uma teoria nunca seja idêntica a si mesma, como também em termos interdisciplinares, no sentido dos desenvolvimentos epistêmicos apoiarem-se em outros saberes, para que então, desenvolvam sua originalidade e autoria. Este ensaio parte da premissa, portanto, de que os desenvolvimentos históricos da teoria constituem o seu núcleo de verdade. Apagar a história dos desenvolvimentos teóricos de uma racionalidade epistêmica é um modo de torna-la um ideal. Excluir a temporalidade de nossa linha de raciocínio atual é um modo de universalizar aspectos particularizantes do sentido, que produziram ilhas epistêmicas não articuláveis, bolhas de sentido pouco eficazes na condução de um campo de práticas e da pluralidade necessária (e desejável) a espaços acadêmicos.

Nessas articulações é fundamental que estejamos atentes a sobreposições conceituais e manejos rápidos que indicariam certa colonização de uma teoria sobre a outra. Aqui, apresentaremos três pontos principais de articulação e desencontro entre uma psicanálise e uma análise do discurso – ambas de nossa época e em frente com o seu passado – para que possamos: 1. Apresentar aproximações e pactuações teóricas que extraiam a verdade do interior de suas práticas – a escuta em território, no caso deste texto, mas também podendo ser a análise de um *corpus* em uma pesquisa e 2. Apresentar os desencontros próprios de uma articulação

não colonizadora, deixando as arestas e impossíveis no tocante as articulações alteritárias. Para tal intento utilizaremos três noções pertinentes a ambos os saberes: sujeito, sentido e história.

## *A escuta em território e seus atravessamentos interpretativos*

Diário de campo.

São Paulo, novembro de 2022.

Estamos em um cemitério bem afastado, cerca de duas horas de carro do centro de São Paulo. É um dos mais distantes. Estou com duas residentes de psiquiatria, viemos de carro com um dos motoristas oficiais do serviço funerário.<sup>2</sup> Nos apresentamos ao administrador, que nos espera bem em frente a casinha de onde realiza seu trabalho, aos fundos da capela. O cemitério é bem cuidado e pequeno, deve ter o tamanho de um quarteirão. O administrador reúne os trabalhadores: sepultadores, jardineiros e veloristas, totalizando oito pessoas. Como o dia está claro e abafado e o cemitério é vazio, decidimos fazer o grupo ali, em frente a capela, entre bancos de madeira e algumas pequenas sepulturas.

Me apresento como psicóloga da secretaria de saúde, introduzo as residentes: “estamos aqui para escutar como tem sido a experiência de vocês nos últimos anos, passamos já por quase todos os 22 cemitérios da cidade e gostaríamos de saber sobre como foi a pandemia aqui”. Os sepultadores começam a se apresentar, dizem

---

2 Nossa função ali é escutar os trabalhadores do cemitério diante do cenário pandêmico e dos avanços da precarização de suas atividades laborais: trabalho realizado por mim e que se tornou cenário de práticas de estágio dessa residência de psiquiatria desde maio de 2020.

da especificidade do cemitério – pequeno, de concessões<sup>3</sup> – o que fez com que não tivessem demandas muito aumentadas durante a pandemia. Outra especificidade é que é um cemitério que atende a uma grande colônia japonesa – de fato, há ornamentos pelo espaço que remetem a essa cultura.

Em determinado momento do grupo um dos sepultadores diz que tem um gambá de estimação. Fala que o encontrou um dia no cemitério, foram semanas de aproximação até levá-lo para casa, onde já tem um cachorro. Estávamos falando da localidade do cemitério, do fato de ser afastado e das diferenças por conta disso. Ele mostra uma foto do gambá e vídeos da interação com seu cachorro. Uma das residentes exclama: “que lindo! Todas as vidas importam”.<sup>4</sup> Continuamos o grupo.

Voltando a São Paulo, aproveito a viagem pra falar das intervenções em grupo: devem ser localizadas e apontadas por quem fala, não devemos trazer temas ou propostas que não foram apresentadas pelos integrantes do grupo e da importância de uma escuta atuante na direção do dizer, o que se distingue das nossas suposições e valores a respeito do que é enunciado.

Mais tarde, ao telefone, relato essa cena a uma colega, também atuante na residência. Eis que ela retorna: “mas um gambá? Claro que teria um gambá, o que ele representa na natureza e o que um sepultador representa na sociedade...é um sinal de como se sente excluído”.

---

3 Cemitérios de concessão são cemitérios públicos que as famílias pagam taxas anuais para manter suas sepulturas. Diferente de cemitérios em que as sepulturas não estão destinadas a famílias específicas e as pessoas são sepultadas em covas comuns.

4 Esta residente já havia demonstrado, em outros cemitérios, uma profunda relação com animais de estimação, falando disso, muitas vezes de forma aleatória – sem ser trazido pelo grupo – em outros momentos.

Paremos o diário aqui. Pensemos agora sobre sentido, sujeito e história a partir dos processos discursivos que surgem deste material, com foco nas significações sublinhadas distintas.

### *A história e os processos de significação: representações e exclusão da alteridade*

A história, aqui compreendida a partir do materialismo dialético, propõe que analisemos as organizações entre os seres humanos tal qual um processo vivo, de disputas constantes, tendo como fundamento principal a luta de classes. A lógica da contradição, inerente ao sistema, produz um campo de articulação e organização humana pautado em disputas materiais e ideológicas que acirram as desigualdades, impedindo o surgimento de diferenças:

*Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe para o céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam, representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade, é a partir do seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital. (MARX; ENGELS, 1998, p. 19)*

Pêcheux, apropria-se da noção marxista do materialismo histórico-dialético na releitura de Althusser, que traz materialidade



à noção de ideologia, esta, não mais entendida como um conjunto de ideias que falseia a realidade, mas, sim de práticas cotidianas que organizam e estruturam a sociedade (PORTO; SAMPAIO, 2013). É nessa concepção que ele embasará sua teoria sobre o discurso e a sobredeterminação ideológica do sentido. O discurso, portanto, realiza uma superestrutura, esta associada ao campo ideológico. A essa sobredeterminação do sentido pela ideologia no discurso Pêcheux nomeia de assujeitamento ideológico. Diz o autor:

*“[...]o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção”.* (PÊCHEUX, 2009, p. 125) – *itálicos do autor.*

O assujeitamento ideológico, portanto, se relaciona ao processo de interpelação e identificação com o discurso que se constrói e, simultaneamente, produz uma posição-sujeito. Esta posição denuncia que o sentido não é auto-evidente, mas, construído historicamente e associado a traços hegemônicos ou contra hegemônicos em relação a ideologia dominante. Uma concepção que pode ser aproximada ao que Lacan (2008a) enuncia, no seminário XI, em relação a constituição sujeito-sentido atravessada pelo Outro:

*O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse, é do lado desse vivo, chamado à*

*subjetividade, que se manifesta, essencialmente, a pulsão. (2008a, p. 200)*

Ao campo da constituição subjetiva que é esse campo vivo, onde “pode aparecer algo do sujeito”, estão as condições materiais de produção do discurso. Estas condições materiais, remetidas ao campo da ideologia, fazem com que o sujeito, para Pêcheux e a partir de Althusser (2009), possa constituir-se em um processo não-subjetivo que o autor nomeia a partir da noção de metáfora. Esta nomeação aponta para o funcionamento de substituição e reorganização do sentido do discurso a partir da relação com a história em uma perspectiva materialista-dialética. As formações discursivas, assim, compõem um panorama do que é possível ser dito em determinada condição de produção/reprodução ideológica.

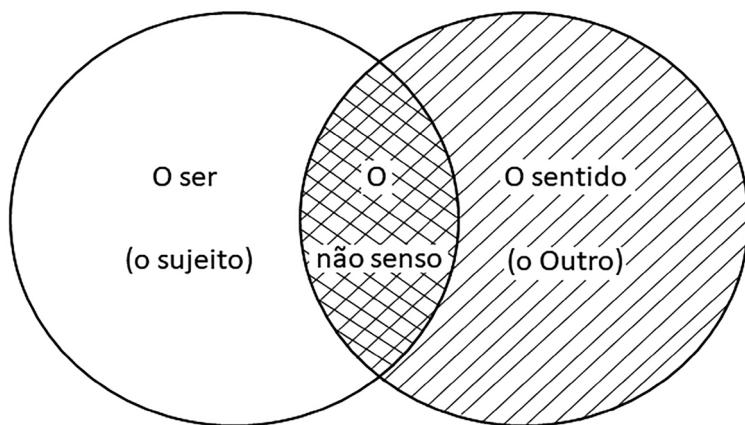
Voltando ao diário de campo apresentado no tópico anterior, a colega, ao dizer que o sepultador tem um gambá por identificar-se com a representação desse gambá na sociedade, arrisca uma interpretação social e política do status do sepultador e alça a relação entre homem e gambá à uma relação sintomática (materialmente metafórica), expressão de uma sociedade, que se condensa a partir da posição de marginalização representada por ambas as posições: sepultador e gambá. Assim, sepultador e gambá fazem um com o sentido de marginalização social a eles impresso por esse enunciado. É um enunciado que resgata um caráter político do funcionamento social e produz sentido a partir da percepção e, também, da suposição de uma desigualdade das posições discursivas.

Quando afirmo se tratar de uma percepção e de uma suposição é para que seja possível demarcarmos aí uma primeira necessidade de criação de espaços de indeterminação do sentido. Há

uma percepção, acertada, de uma desigualdade, tanto em relação as condições contextuais— sabe-se dos baixos salários dos sepultadores em São Paulo, sabe-se da galopante precarização do serviço e do horizonte que, afinal, consolidou-se de privatização do serviço funerário, deixando estes trabalhadores à míngua quanto àquelas expressas no senso-comum, culturais, de que sepultadores são ladrões, pessoas marginalizadas, violadores de túmulos, dentre outras atribuições a eles supostas, quer seja pelo retrato que se faz da categoria em sociedade, ou pela relação que tal sociedade tem com a morte e com tudo que a rodeia. Esta é uma percepção construída historicamente a partir de diferentes materiais: documentos, matérias de jornal e da própria experiência de escuta compartilhada com essa colega que, à época já durava 2 anos.

Entretanto, há aí uma suposição de completude do sentido a partir dessa desigualdade material. Não se sabe, ao fim e ao cabo, se é desta posição discursiva que essa enunciação se expressa. Deste modo, há um determinismo ideológico que sobrepõe-se a interpretação o que escamotearia a posição do sujeito ou, como Pêcheux (2009) apresenta mais acima: recalçamento inconsciente e assujeitamento ideológico, mesmo que estejam materialmente ligados, não são a mesma coisa. É um enunciado, no entanto, que evidencia o fulcro político das condições materiais da categoria, porém, tirando do dizer a possibilidade de contingência ou de acontecimento.

Poderíamos pensar aqui, com Lacan (2008a), que esta é uma interpretação que evidencia, portanto, o processo de alienação do sujeito ao sentido, no campo do Outro.



No diagrama, extraído do Seminário XI (LACAN, 2008a) vemos ser e sujeito do mesmo lado em uma esfera que faz intersecção com o campo do sentido, entendido como o campo do Outro. Nesta intersecção há o não-senso, lócus onde Lacan aponta a alienação do sujeito ao campo do Outro. Esta alienação restringe o campo do sentido à interpelação ideológica, não restando, a constituição discursiva, a possibilidade de acontecimento ou de indeterminação, ou seja, não restando, portanto, o que nomearíamos na psicanálise, como campo do sujeito. Para que este apareça, é necessário, como Lacan desenvolve posteriormente nesse mesmo seminário, o processo de separação.

A relação com a história se expressa, portanto, como uma importante parte do método de análise para evidenciar posições discursivas que remetem a superestrutura ideológica na constituição do sentido, os processos de repetição, de fixação, de registro da desigualdade, porém, com o apagamento das diferenças, seja do território, seja do falante.

## *O sentido e os processos de individuação: alteridades restritas*

Diante dos processos históricos estruturais e em movimento vemos, então, repetições que evidenciam o fulcro político de determinadas posições discursivas. Há uma outra posição produzida pelas tramas discursivas, nomeadas por Pêcheux (2009) como sujeito, centro, sentido. Esta posição, segundo o autor, parte de um “exame da relação do sujeito como aquilo que o representa; portanto, [consiste em] uma teoria da identificação e da eficácia material do imaginário” (PÊCHEUX, 2009, p. 115). Há, então uma relação, ainda, segundo o autor, de substituição do par necessidade/contingência pelo par sujeito/objeto, produzindo, ideologicamente, polos opostos ao campo do subjetivo e do objetivo, abrindo espaço para idealismo e abstrações sem lastro material.

Esta condição para Pêcheux (2009) se apoia “na convivência sobre o processo de identificação representado ideologicamente sob a forma da “intersubjetividade” e do “consenso” (p. 119). Enquanto na posição acima, o que fica escancarado no discurso são as desigualdades, neste plano de construção do sentido as desigualdades ficam obliteradas por uma lógica identificatória do par sujeito/objeto, produzindo também um apagamento da possível alteridade da interlocução. Deste modo, quando, ao escutar sobre a adoção do gambá, a residente expressa: “Que lindo! Todas as vidas importam!” ela está produzindo um enunciado a partir dessa posição intersubjetiva, que nomeia Pêcheux. Posição esta, ligada aos valores morais e posições materiais que sustentam o eu, apagando possíveis traços de construção do laço social com um outro, semelhante no campo do desejo (porque sujeito) porém não um igual (um espelho).

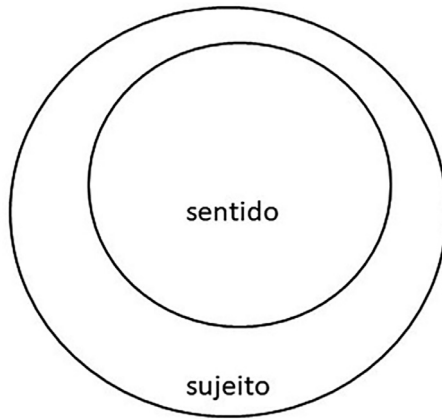
A este funcionamento Pêcheux (2009) reputa dois esquecimentos: o esquecimento nº01, através do qual o sujeito se crê origem e fonte do seu dizer, como se fosse uma fonte exclusiva do sentido e o esquecimento nº 02 que consiste na ilusão de que há uma relação direta entre linguagem/pensamento/mundo e, dessa maneira, construímos uma ideia de univocidade do sentido. Ambos os esquecimentos fazem parte da construção do eu, em um processo de reconhecimento do outro a partir da sua imagem e semelhança, tal como podemos apreender no estádio do espelho (LACAN, 1998a). A constituição do eu se dá por uma gama de identificações que produzem uma espécie de colagem entre o eu e o outro. A esse processo, Lacan nomeia, no estádio do espelho, de transitivismo:

*Seja como for, a antinomia das imagens  $i(a)$  e  $i'(a)$  por se situar para o sujeito no imaginário, resolve-se num transitivismo constante. Assim se produz esse Eu-Ideal-Eu cujas fronteiras, no sentido como as entende Federn, devem ser tomadas como dando suporte à incerteza e permitindo a retificação, como perpetuando o equívoco de circunscrições diferentes conforme seu status, e até mesmo admitindo em seu complexo zonas francas e feudos encravados. (LACAN, 1998b, p. 677)*

Podemos afirmar que muitos enunciados são construídos a partir dessa base de suposição em que o eu e o outro se assemelham. São formas de fortalecer o eu e recusar a escuta, dado que o que se está escutando é um eco do próprio sentido que retorna no processo de enunciação, marcando assim, uma especularidade que recusa e restringe a relação com a alteridade aos limites e bordas do próprio eu.

Em psicanálise essa formação se relaciona à agressividade (LACAN, 1998c) dado que essa se faz necessária na criação de limites e barreiras da constituição subjetiva. Estas, se expressariam discursivamente através dos esquecimentos propostos por Pêcheux que evidenciam que a construção desse sentido se dá pela exclusão da relação com o outro.

Se realizarmos aqui um esforço no sentido da diagramar essa posição-sujeito, poderíamos vê-la deste modo:



Sujeito e sentido permanecem assim, colados, em um enunciado que se encerra em si mesmo e que convoca valores externos a discursividade presente, não no sentido de construí-los na interlocução, mas, sim, de encerrar o sentido nele, através da posição que Pêcheux nomeia como intersubjetiva. Ao enunciar “todas as vidas importam”, a residente fala consigo mesma e com seus próprios valores: salvar os animais, ser gentil, cuidar de todos...que sejam iguais a mim, valores já apresentados em outros momentos no percurso do estágio.

## *O sujeito e seus traçados históricos: contingente, possível, impossível e necessário*

Passamos pela produção do sentido articulada a história, suas condições materiais determinantes e sua função de evidência política. Também passamos pela construção do sentido como processo de individuação, que apartaria e constituiria o eu a partir de uma identificação especularizada, produtora do sentido individual. Em ambas as construções pouco se apreende sobre a construção do sentido a partir da ótica do que Pêcheux denominou acontecimento (2008), ou seja, uma formação que não prescindia da estrutura, porque se articula a esta, mas que produza ruptura, transformação, que não seja apenas eco e repetição de construções prévias. Nas palavras do autor:

*A questão teórica que coloco é, pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência lógica estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas. (PÊCHEUX, 2008 p. 28)*

Deste modo, a noção de acontecimento é uma noção que provoca, dentro do sistema construído no interior da teoria, uma saída quanto a sobredeterminação do sentido: é possível que exista o equívoco, o *non-sense*, o sentido que escapa a superestrutura da história e ao jogo de identificações da formação do eu. Esse sentido é àquele que se liga, em psicanálise, a noção de contingência e a possibilidade de aparecimento do sujeito.



À posição sujeito, no discurso, enredada às categorias lógicas aristotélicas de possível, impossível e necessário (LACAN, 2008b) adiciona-se o contingente, o espaço de ruptura da estrutura e abertura da significação, espaço este que só pode ser aberto por um outro operador, muito caro a clínica psicanalítica: a transferência. Quando pensamos o discurso a partir do que pode ser dito (possível) do que funda a nossa possibilidade de dizer (o necessário) e daquilo que não pode ser enunciado (o impossível), construímos uma malha discursiva calcada na estrutura, nas relações entre superestrutura e infraestrutura, nos interstícios entre coletivo e individual, sujeito e objeto e as diferentes formas de exercício do poder nas relações.

Também conseguimos pensar, a partir dessas três categorias, a constituição do Eu enquanto instância psíquica e seus processos de identificação, a relação que vai se constituindo com o mundo através das modalidades de alienação e o apagamento da alteridade frente aos impasses que o Eu encontra, muitas vezes diferente de suas construções fantasísticas.

Diferentemente, no campo do sujeito, entra-se no campo da contingência e da ruptura. Leite (1994) assim define essa diferença:

*[...]o fundamento desta concepção resta profundamente abalado desde a descoberta freudiana do inconsciente, uma vez que a ordem aí instaurada escapa totalmente ao círculo de certezas no qual o homem pode se reconhecer como eu. O inconsciente indica justo o que escapa ao saber deste eu, não sendo por ele reconhecido. Instala-se assim uma maneira de pensar a subjetividade que desloca e desloca a equivalência eu=sujeito. (pp.14-15)*

A partir da psicanálise, abre-se a possibilidade de trabalhar com certa indeterminação do sentido. Tem algo do sentido que escapa a essa superdeterminação ideológica e que diz de uma relação singular que se realiza no advento do sujeito com a linguagem. O trabalho com a contingência, contido na análise do discurso a partir da noção de acontecimento e na psicanálise, associado ao que podemos nomear como Real, a partir de Lacan, evidencia que as relações entre história e discurso escapam a organização contida na superestrutura.

Por um lado, essa condição peculiar da entrada da contingência para se pensar o campo de análise e atuação, na psicanálise, produz um “funcionamento metafísico” da teoria, produzindo abstrações extracorpóreas e por outro, na análise do discurso, produz o aniquilamento e tentativa de apagamento de qualquer articulação com a psicanálise, receando análises subjetivistas.

O que pouco se nota nesse espaço fronteiro é que a entrada da contingência no campo de análise se dá por um outro operador, a transferência, a partir do qual se constituirá o sentido e, aquilo que denominamos em psicanálise, a direção do tratamento. A transferência, esse operador clínico que organiza o campo do Outro e a constituição dos processos de enunciação a partir de uma escuta analítica, quando compreendida em sua radicalidade elimina o possível caráter subjetivista e metafísico da análise, dado que ela estabelece um campo de sentido que articula experiência e território a partir do jogo de presença/ausência do analista, abrindo, assim, para uma escuta do inconsciente materialmente implicada.

Retornando ao nosso diário de campo, percebemos que não houve emergência do sujeito durante esse processo. A intervenção da residente encerrou o sentido daquilo que poderia aparecer caso houvesse espaço para escuta. Um simples: “um gambá?”

seria uma porta de entrada para que se construísse ali, no grupo, uma narrativa sobre essa situação, abrindo outras possibilidades de interpretação, intervenção e manejo. Esta inexistência abre para uma discussão importante em psicanálise, a saber: a ética, que aqui se associa a possibilidade de uma escuta, como apresenta Lacan, “não ortopédica” (LACAN, 1988), que cifre as relações do sujeito com seu destino, ou seja, com suas amarrações significantes, apropriando-se do horizonte que o constitui.

Portanto, no diário apresentado, se o gambá é uma identificação a marginalização, se é um resgate “porque todas as vidas importam”, ou o que quer que seja, nunca saberemos dado que, em transferência, não escutamos.

### *Conclusão: das profanações disciplinares quando no campo da práxis*

Falar algo sobre a articulação entre análise do discurso e psicanálise é um exercício que tem se tornado polêmico nos últimos tempos. O esforço definicional de ambas as teorias atua de forma diferente diante da materialidade dos corpora, o que, em muitas situações, se torna justificativa para a separação entre esses saberes.

Que as teorias tenham arestas conceituais, que as epistemes não sejam suplementares, não é justificativa para que ambas não possam trabalhar como práticas de análise discursiva. Neste ensaio, expôs-se, de forma breve e didática, as possíveis construções no campo do sentido vinculadas a alguns operadores da análise do discurso e da psicanálise. Sujeito e posição-sujeito; acontecimento, contingência e transferência; ideologia e Outro; identificação, constituição subjetiva e alienação, foram conceitos utilizados para

construir uma análise possível do caminho que o sentido percorre dentro de uma materialidade discursiva.

Do mesmo modo que analisou-se um enunciado a partir de termos político-históricos e o outro a partir de termos identificatórios e constitutivos, nada impede que, em outra análise, esses enunciados pudessem ocupar diferentes posições: análise do discurso e psicanálise aqui, não expressam ontologias do ser e sim, métodos de análise de uma materialidade que visem uma transformação no campo político e no campo ético (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017).

Esta proposta de articulação baseia-se na aposta de que a verdade dos desenvolvimentos teóricos de um campo do saber deve emergir da sua práxis, ou seja, da sua atuação em território e dos efeitos e consequências de uma análise assim realizada. Neste sentido, as relações entre análise do discurso e psicanálise apresentam consequências produtivas, que, em um jogo de luz e sombra, dão forma aos sentidos historicamente construídos e suas possibilidades de subversão. A quem tiver manha...

## *Referências*

- DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MILÁN-RAMOS, J. G. *Análise psicanalítica dos discursos: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

- MARX, K.; ENGELS F. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 1998.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso*. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: Editora Unicamp, 2009.
- PORTO, L. M. F.; SAMPAIO, M. C. H. Bakhtin e Pêcheux: leitura dialogada. *Polifonia (UFMT)*, v. 20, n. 27, p. 89-106, 2013.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 96-104.
- \_\_\_\_\_. Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e Estrutura da Personalidade”. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 653-692.
- \_\_\_\_\_. A agressividade em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. p. 104-127.
- \_\_\_\_\_. *O seminário livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *O seminário livro XX: mais, ainda*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro VII: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LEITE, N. *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

